

## **A MÍSTICA CRISTÃ NA CONTEMPORANEIDADE**

**Aluna: Mariana do Nascimento Pernambuco**  
**Orientadora: Maria Clara Lucchetti Bingemer**

### **Introdução**

Durante o decorrer deste ano, o projeto teve o seguinte desenvolvimento: num primeiro momento foi feita a leitura e o fichamento de livros que tratassem do tema da modernidade e da pós-modernidade. O objetivo era caracterizar as mudanças ocorridas em tal processo e as consequências da mesma para o ser humano. Como foi analisado nas leituras, há diversas formas de se denominar o atual contexto porém, nesta pesquisa, devida as transformações apontadas, optou-se por escolher a expressão “pós-modernidade” como melhor forma de denominá-lo.

A partir disso, tratou-se da modernidade e da pós-modernidade dentro da história, apontando os principais acontecimentos e transformações que modificaram tais contextos e o momento de transição dos mesmos, caracterizando-os. Este período de transição entre modernidade e pós-modernidade trouxe como consequência para a nova contextualização a crise do ser humano desenvolvidas a partir de suas decepções e reações acerca da razão absoluta. Todas as afirmações transformaram-se em dúvidas constantes que tornam o ser humano um ser fragmentado, sem base fixa, o que gerou um esvaziamento do sentido de história universal.

A seguir, desenvolveu-se a questão acerca do termo “pós-modernidade” identificando o contexto de seu surgimento, com suas respectivas características, e as mudanças destas no seu desenvolvimento histórico. É identificado o contexto do surgimento do termo “pós-modernidade” como sendo o contexto artístico que, tinha por características uma liberdade de formas e sem bases fixas tornando-a uma arte independente. Tais características serão utilizadas para expressar, também, o contexto em desenvolvimento.

Assim, fez-se necessário, a partir desse estudo, elencar algumas características dos seres humanos que fazem parte deste novo paradigma histórico. Serão vistos como sendo contraditórios, fragmentados e suscetíveis a constantes mudanças, valorizando mais a liberdade individual em detrimento da liberdade coletiva. Determinado tal assunto, passa-se a ser necessário caracterizar as influências deste processo em relação ao ser humano que a vive e contrapor as características do mesmo, neste novo contexto, com as do anterior a este, explicando o desenvolvimento destas no momento de transição entre ambas.

Com a mudança ocorrida no modo de ver e viver dos indivíduos, há também uma mudança na relação entre o homem e Deus pois, modifica-se a visão deste sobre o Mesmo. Assim, novos valores são vividos e entendidos dentro de novas perspectivas. Ou seja, a idéia de que o ser humano tem de Deus acompanha a idéia de transformação pela qual passa o ser humano. Por isso, com o enfraquecimento da idéia de Deus enfraquece-se, também, a idéia de homem, ficando este reduzido a uma imagem difusa e insignificante.

Com a mudança ocorrida no modo de ver e viver dos indivíduos, há também uma mudança na relação entre o homem e Deus pois, modifica-se a visão deste sobre o Mesmo. Assim, novos valores são vividos e entendidos dentro de novas perspectivas. Ou seja, a idéia de que o ser humano tem de Deus acompanha a idéia de transformação pela qual passa o ser humano. Por isso, com o enfraquecimento da idéia de Deus enfraquece-se, também, a idéia de homem, ficando este reduzido a uma imagem difusa e insignificante.

Um novo estudo foi feito em cima de leituras a cerca do tema “Mística”, possibilitando o seu desenvolvimento da seguinte forma: primeiramente, fez-se necessário caracterizar o que atualmente se entende por mística, dentro do contexto cristão, apontando o processo histórico que formou tal entendimento, e o real significado da mesma. Assim, ao se desenvolver a mística neste contexto vemos o quanto esta é desvalorizada e desacreditada, sendo vista como algo distante e irreal.

Faz-se necessário compreender que o real sentido da mística envolve o ser humano como um todo (não só o seu aspecto religioso, mas também o político e o social). Tal desvalorização ocorre no seu próprio desenvolvimento histórico, quando esta passa a ser vista com desprezo ou desconfiança. A mística passa a ser vista como algo que envolvia apenas o âmbito sentimental e emocional, o que gerou um dualismo espiritual-corporal onde o corpo é visto como uma “prisão da alma”.

A partir daí, entender a mística como algo tão ligado a estrutura cotidiana dos indivíduos que não há como separar mística de antropologia. O real sentido da mística só é compreendido quando se leva em consideração o ser humano que a vive e o contexto no qual este está inserido. Assim, deve-se entender a mística não de um ponto de vista do sentimentalismo, pois isto deteriora o seu verdadeiro sentido, mas no sentido de íntima união com Deus e com o próximo que transforma a vida da pessoa e a integra em todos os âmbitos de sua vida, seja ele religioso, político, econômico, social, etc.

Tal união se reflete em suas ações. Sua vida passa a ser marcada pelas lutas contra as injustiças e desigualdades. O verdadeiro místico é aquele que, visando o bem comum, torna-se uma pessoa atuante no dia-a-dia, sempre tentando transformar as condições para a sobrevivência mais justas e igualitárias, dentro das possibilidades de seu meio. Portanto, o verdadeiro místico é aquele que, em seu tempo, realiza uma profunda experiência com o Cristo e a vive dentro de sua realidade e que, a partir dessa, é impulsionado a mudar o quadro de injustiça social no qual esteja inserido. Ou seja, alguém que é atuante, e não uma pessoa passiva ou fora de contexto.

Muitos exemplos podem ser citados tais como: Edith Stein, Simone Weil, Madre Teresa de Calcutá, Dom Hélder e, o mais recente, a Irmã Dorothy. Há muitos outros anônimos, tão importantes quanto os nomes lembrados, que batalharam e ainda batalham por uma vida mais digna. O exemplo escolhido para exemplificar o “ser místico” foi o de Simone Weil. Mulher esta que, durante toda a sua vida defendeu a igualdade social, denunciando as humilhações e maus tratos vividos pelos trabalhadores nas fábricas durante a década de 30. Através de seus escritos, nos mostra como a íntima união com Cristo se torna visível em sua vida, tanto nos momentos de oração e silêncio, como nos momentos de luta contra a desigualdade social. Seus escritos também fazem parte deste estudo.

Em sua vida vemos como uma mística pode estar em íntima união com Deus e com os irmãos, lutando contra um mundo de grandes contrastes, onde os mais desvalorizados eram esquecidos e maltrados dentro das fábricas, sob condições desumanizantes. Contra a perseguição dos judeus, da qual fez parte, sendo também perseguida, e indo a guerra para ajudar no cuidado com os feridos. Na experiência dessa mulher podemos começar a compreender o real sentido do esvaziar-se para tornar-se um com Cristo e, como tal encontro visualiza-se em sua existência.

Tal pesquisa desenvolveu tal esquema na leitura e fichamento de bibliografia diversa, indicada pela orientadora.

## **A Mística na Contemporaneidade**

### **1. A modernidade e a pós-modernidade dentro da história**

É no iluminismo que a razão começa a ganhar grande destaque e passa a ser o princípio fundamental que deve reger a vida de todo ser humano. Será tal base que constituirá a conduta humana moderna. Então, para que algo seja considerado legítimo deve passar pelo processo de entendimento da razão que constitui o ser pensante. Assim, o ser humano passa a ser mais crítico e questionador, em relação a tradição e a autoridade. Há, então, uma nova organização humana para se abandonar a antiga, que se baseava no fanatismo, na superstição e na intolerância [1].

Chamamos então, de modernidade, o período da história que engloba os séculos XIV e XV e se estende até o século XX. Este tem por características o crescimento da autonomia do ser humano, os grandes avanços científicos e a utilização da razão para explicar o que antes cabia as crenças. Tal acontecimento transporta o ser humano para o centro do universo, dos fenômenos e dos acontecimentos (e não mais Deus como acontecia no período medieval, onde Este era a resposta para todos os acontecimentos e fatos sócio-cultural do povo). O ser humano torna-se assim um ser adulto e sujeito da própria história. Acontece então a emancipação do sujeito e este torna-se responsável pela sua felicidade (esta, sendo dependente única e exclusivamente dele, de sua ação e reflexão) [2]. Dentro deste contexto vai ocorrer o nascimento do deísmo, do secularismo, ateísmo e agnosticismo.

Contudo, os mesmos iluministas que tanto criticaram os “elementos supersticiosos da religião cristã, buscaram outro modelo de Deus e de religião que mais se tinha aproximado da visão mecanicista de um mundo físico tecnicamente perfeito, que provinha das novas ciências” [3]. Assim começa a se imaginar Deus como “um grande relojoeiro, como supremo arquiteto ou geômetra, como necessidade teórica proveniente de uma visão racionalista do mundo” [4].

Assim, para uns, a religião tornou-se algo exclusivamente do interior da consciência humana, ausente de mediação ou intermediário e, para outros, algo necessário. Como consequência saltou-se, de um mundo fundamentado na fé para um mundo regido unicamente pela razão. A religião passa para a esfera do privado, onde cada um acredita e acolhe as verdades que lhe são apresentadas através do uso da razão [5].

Vemos em vários filósofos que influenciaram a modernidade e, posteriormente, a pós-modernidade, tais como Nietzsche, Heidegger e Winttgenstein, que o sentido da história universal vai se desconstruindo e se edificando um novo sentido: o da história individual, pois o sujeito responsável por esta passa a ser instável, perdendo-se o sentido do ser fixo e permanente. Já que o ser humano torna-se um ser em constante transformação e vive de acordo com as influências de culturas tão diferentes, não teria mais sentido se falar de uma história universal pois o “eu” é tão instável, que o “nós” não é mais levado em consideração, não tem mais importância. Todos os acontecimentos passam a ser dependentes e relativos, de acordo com o evento, com o diálogo e com a interpretação que lhes é feita, de acordo com o entendimento de cada indivíduo. Neste período tornou-se propício o desenvolvimento das idéias de secularização e progresso.

A esta evolução histórica pela qual todos os seres humanos passaram ao longo do seu processo histórico e, que desemboca no atual contexto no qual estamos inseridos, denominamos “pós-modernidade”.

A pós-modernidade nos mostra então, a crise do ser humano em relação às ideologias da modernidade, uma forte reação a razão absoluta. Vemos que tudo é posto em dúvida, tanto perguntas como respostas, abalando a imagem do homem como construtor de sua história. Os

sentimentos são de desconfiança e desespero. Há um esvaziamento da história em consequência dos ideais políticos e religiosos que fracassaram [6].

Ao se dar conta de que não possui uma base sólida como se imaginava, devido as decepções com os processos anteriores que levavam grandes esperanças e ampliavam as perspectivas de futuro dos seres humanos, o indivíduo passa a buscar, em todos os lugares, culturas e sociedades, uma base que sustentasse suas crenças e edificassem suas identidades. No entanto, isto acabou por tornar este indivíduo um ser múltiplo e fragmentado, onde este não possui apenas uma, mas várias bases que podem ser trocadas e substituídas de acordo com as necessidades de cada ser humano. A cultura individual passa a ser a cultura que cada um deseja seguir e não da sociedade da qual o indivíduo, ou grupo, faça parte.

A cultura, então, entra em crise e os meios de comunicação contribuem para isso através do excesso de informação que tornam quase impossível avaliar e julgar os acontecimentos. Com o excesso de informação acaba por haver uma banalização dos mesmos transformando a realidade em virtualidade. Hoje o real é feito de imagens. Com tanta informação vemos um pluralismo de culturas o que acaba por produzir subculturas, tornando impossível uma visão unitária da história como pretendia a modernidade [7]. Tais meios de comunicação possuem forte influência sobre os indivíduos, sendo uma construtora de opiniões e identidades. De acordo com o consumo, manipula e vende a imagem que desejar. Move sociedades de acordo com os interesses que lhes cabem, que é o interesse de um pequeno grupo, para o controle das massas. Aqueles que controlam as opiniões, são os detentores do poder.

O lema de tal período identifica-se com a seguinte afirmação: “o ser humano é aquilo que consome e quanto mais consumir mais feliz será”. Vemos, portanto, um crescimento assustador na oferta de produtos e serviços, onde os meios de comunicação contribuem para isso. “O permanente não dura e deve sempre ser trocado por algo mais novo e mais moderno” [8]. São as tecnologias que determinam o poder aquisitivo de cada indivíduo.

## **2. A “pós-modernidade”**

De acordo com o livro “As origens da pós-modernidade” de Perry Anderson, o termo “postmodernismo” foi mencionado, pela primeira vez, na América Hispânica, por Frederico de Onís, dentro do contexto artístico e literário da década de 30. Esta mesma expressão só se tornaria conhecida pelo mundo anglo-saxão apenas 20 anos depois. No entanto, neste novo contexto, era utilizada apenas como uma categoria de época. Na década de 50, este tema é retomado por Charles Olson, que fazia forte referências aos aspectos político e social. Contudo, suas opiniões não foram levadas em consideração devido aos erros empíricos cometidos pelo mesmo, o que acabou levando tal expressão para o esquecimento.

Tal termo só foi realmente explorado a partir da década de 70, mas ainda não tinha sido totalmente definido e nem identificado ao que exatamente tal expressão deveria se referir ou abordar. Foi apenas na década de 80, com Fredric Jameson, que o termo torna-se mais abrangente, identificado assim como algo cultural, ligado diretamente a toda sociedade. Este, sofreu a influência de vários autores, tais como Lukács, Bloch, Sartre, Lefebvre, Marcuse, Althusser, e Adorno. Destes herdou os primeiros princípios que já indicavam o aparecimento de uma nova época, que traria consigo, mudanças profundas para o viver humano em todas as suas dimensões. Após Jameson, muito se foi discutido sobre o conceito de “pós-moderno” e o seu ponto de origem. Houve muitas opiniões diversas e conflitantes sobre esse assunto. Alguns nomes de destaque acerca de tal discussão foram: Alex Callinicos, David Harvey e Terry Eagleton. Na verdade, até os dias de hoje, não se tem claro o conceito de pós-moderno e o contexto histórico do seu surgimento.

O que sabemos com certeza é que essa expressão nasceu no meio artístico e que

impactou o mesmo, por tornar-se uma arte independente, livre de formas e bases fixas, deixando assim o artista livre para romper e criar novos paradigmas estéticos. Tal estilo teria se tornado mais conhecido na arquitetura.

Assim como a arte passou por diversas transformações que marcaram profundamente suas características assim também aconteceu com a nossa sociedade, o que marcou profundamente o ser humano em todas as suas relações (social, política, econômica, etc.). Portanto, tal termo foi ligado a cultura que estava em constante transformação e que rumava para a construção de um novo ser humano, assim como o identificou Fredric Jameson. Segundo o mesmo, algumas das consequências dessas transformações seriam a supervalorização da imagem, a mudança constante das condições humanas, as vontades serem direcionadas para o querer das massas mas estas podem ser manipuladas através de ilusões, entre outras.

### **3. As características do homem pós-moderno**

A questão sobre a identidade cultural de um sujeito em seu período histórico é um tema complexo e que causa muitas discussões. O que sabemos, partindo do livro de Stuart Hall (“A identidade cultural da pós-modernidade”) é que as velhas identidades, que davam o alicerce para a identidade do indivíduo moderno, entraram em declínio, dando lugar a uma série de novas identidades que, tem como consequências, a fragmentação destes mesmos indivíduos. Tal mudança paradigmática é denominada, por Stuart, como “crise de identidade”.

Ainda tendo como base Stuart Hall, o sujeito moderno tinha por características a indivisibilidade, a singularidade, a distinção e a unidade, conseqüentes das mudanças paradigmáticas ocorridas no seu processo histórico (Reforma, Humanismo Renascentista, Iluminismo, entre outros) que o colocaram no centro do conhecimento e do saber. A liberdade era coletiva (mesmo a liberdade individual só existia em função da coletiva). Tendo, todo esse processo, sido auxiliado pelo progresso científico que tornou o homem um ser possuidor da razão. Como consequência, este mesmo homem teve sua concepção de sujeito desenvolvida, ampliando sua compreensão em relação aos poderes que detinha e ao desenvolvimento de suas capacidades.

No entanto, o sujeito pós-moderno tem por características ser contraditório; por não possuir uma base é fragmentado (tendo sua fragmentação como resultado das várias identidades desvinculadas de seu tempo e espaço); e é mutável (de acordo com a interpretação que lhe é feita). O importante é a liberdade do indivíduo (um ser concreto que tem desejos, necessidades e sonhos); no comportamento é incentivada não só a liberdade de escolhas como a do corpo também (desfrutar ao máximo e atingir todos os sentidos).

O homem pós-moderno não tem perspectiva de futuro e vive apenas para o presente buscando a sua felicidade, sua satisfação pessoal, no “agora”, pois não sabe o que esperar do “amanhã”.

### **4. Deus e o homem**

Para melhor entendermos a transformação desse novo ser humano devemos entender as mudanças na concepção de Deus, pois uma sempre marca fortemente a outra, já que, ambos são o centro e o referencial de todas as sociedade. Assim, “no momento em que se muda a idéia de ser humano, se muda também a idéia de Deus já que ambos são sujeitos-base de toda e qualquer cultura” [9]. Vemos que para que houvesse a construção desse novo sujeito a idéia de um Deus absoluto fora posta em questão, já que, “a razão exige uma ruptura com a idéia de um Deus absoluto, doador de significado ao intraterreno. A razão ocupa o lugar de Deus. Vemos, então,

que na modernidade o mundo foi reduzido a meros enunciados científicos onde a razão se adapta aos fatos sem procurar transcende-los” [10].

Vemos que, ao retirar Deus do referencial das sociedades, o homem moderno procura algo que ocupe o lugar do mesmo. Neste entra o ser humano como um ser racional que para tudo é o ponto de referência. Assim, constrói-se novos ideais e perspectivas que conduzam a vida da humanidade. A responsabilidade volta a ser posse do homem e da mulher que, arcaram com as consequências de suas ações e atos, mas também, com plena consciência de que estas também trariam consequências para a sociedade a qual ambos fizessem parte.

Na pós-modernidade há um retorno, em parte, do referencial a Deus, mas sobre perspectivas divinizadas, onde estas dividem o protagonismo com o ser humano. Mas, a perspectiva de tais referências é individual, ou seja, cada um escolhe como, onde, quando e porque deve seguir; de acordo com o seu desejo e a sua necessidade. A visão de Deus e do próprio ser humano é privatizada (“é meu e ninguém tem a ver com isso”). Atrás de uma atitude tranquilizadora e segura, o homem pós-moderno se refugia em um fanatismo religioso, pré e antimoderno, em vista de uma experiência transcendental.

Vemos então que, a recusa pós-moderna da idéia de Deus se traduz em um ateísmo prático derivado de um narcisismo espiritualista, porque o sujeito não tolera mais ninguém a não ser ele mesmo. Neste quadro não existe possibilidade de haver uma intersubjetividade comprometida. Não se trata de negar a idéia de Deus, mas de simplesmente, recusá-la. Não uma recusa cara a cara, mas disfarçada, fundada na distância e na banalidade [11]. Há, em consequência disto, um aparecimento de tantas imagens de Deus, tão distantes entre si, que torna-se cada vez mais difícil pensar em um Deus pessoal que interpela a uma resposta.

Assim, entendemos o porque de que ao enfraquecemos a idéia de Deus (dito Criador) se enfraquece, conseqüentemente, a idéia de homem (dito criatura): ao se romper a relação com Deus o homem se reduz a insignificância e fica só com a humanidade, tornando-se uma realidade difusa e difícil de definir. Torna-se um ser sem referências ao passado, sem iniciativas presentes (pois que cada um espere o outro para lutar pelos direitos e deveres de todos), e sem perspectivas de futuro.

Este novo ser humano passa a ser denominado como indivíduo (um termo menos amplo e que faz referência ao fechamento do ser em si mesmo) ao invés de pessoa (que indica reciprocidade e comunicabilidade originada nas pessoas divinas da Trindade). A pessoa teria como potencial seu encontro com o outro e se realizaria neste. Ou seja, seria uma dinâmica que tenderia à uma comunicação (é ser corpo e espírito, mas que transcende o corpo) [12]. Já o indivíduo passa a ser alguém que se identifica com o outro apenas enquanto este corresponde as suas necessidades e expectativas. Na medida em que este não mais as fizesse de acordo com o esperado poderia ser descartado e trocado, como um mero objeto do qual se pode fazer uso de acordo com os desejos e vontades de um outro. Este novo conceito aparece favorecido pelo novo conceito dado pela ciência, o conceito biológico, onde este novo indivíduo seria um “conjunto de reações biológicas e psicológicas, sem referência a um transcendente, a Deus. É apenas um indivíduo, fechado em si e não aberto à comunicação com o outro e o transcendente” [13].

As relações desses novos sujeitos, assim como os mesmos são rápidas e passageiras. Não existe mais aquela perspectiva de durabilidade e cumplicidade. Então, vemos como consequência destas novas perspectivas nos relacionamentos, inúmeras famílias desestruturadas e fragmentadas, gerando indivíduos cada vez mais necessitados e carentes, em busca de algo que os completa e envolva sua totalidade. No entanto, ao tentarem um relacionamento, lançam perspectiva além do outro, o que acaba desgastando o compromisso e o relacionando a um objeto que deve ser descartado pois não atende mais as suas perspectivas e necessidades. Dessa maneira passa por muitos e muitos relacionamentos e, ainda assim, se sentem incompletos. Nesta mesma perspectiva podemos identificar o relacionamento do homem com Deus onde este

só o busca quando é para Deus atender os seus pedidos de maneira imediata. É como a imagem de um Deus babá que deve atender as necessidades de seus protegidos quando e como estes desejarem [14].

Portanto, a nova cultura que se compôs observando estas mudanças que envolveu o ser humano dentro de suas relações o vê como um ser bom por natureza que só deve obedecer aquilo que postula para si como verdade. É uma negação da teologia onde o ser precisa de Deus para fazer o bem. O homem exalta o seu individualismo ao falar de seus direitos e esquece-se dos seus deveres. A felicidade é alcançada quando se realiza todos os desejos, mas esta não está ao alcance de todos [15] (só aqueles que possui os meios para alcançá-la, não importando quais sejam estes). Só o que é importante são as conquistas individuais. O todo não importa se o benefício não puder se visto de forma rápida, precisa e imediata pelo indivíduo.

## **5. A religião**

“A pós-modernidade provocou mudanças marcantes em todos os setores da sociedade, como também no campo religioso” [16]. Assim, na modernidade, a religião tornou-se algo exclusivamente do interior da consciência humana, ausente de mediação ou intermediário, e, para outros, algo necessário. Como consequência saltou-se, de um mundo fundamentado na fé para um mundo regido unicamente pela razão. A religião passa para a esfera do privado, onde cada um acredita e acolhe as verdades que lhe são apresentadas através do uso da razão. A imagem que melhor se encaixa para definir o homem pós-moderno e a sua busca por uma religião é a imagem do supermercado, onde se entra, escolhe o que se quer comprar e vai embora. Caso um produto não lhe agrade, você se dirige a outra prateleira e escolhe outro que atenda as suas necessidades. E assim, vai se experimentando até que um produto se encaixe no seu paladar e corresponda as suas expectativas.

Através do desenvolvimento da história sobre o que o ser humano entende por religião, vemos que a racionalização do conhecimento e a concepção científica geraram uma nova forma de ver o mundo, o homem e Deus, e que tal mudança tem como consequência a dessacralização onde, é dada autonomia ao temporal e ao espírito laico, relativizando assim, a religião. Fator que muito contribuiu para isso foi o mal estar gerado, tendo como pano de fundo a história universal, as diversas e, até certo ponto, conflitantes, posições da Igreja no passado, tais como a contra-reforma e a inquisição [17]. As pessoas não buscam entender o contexto histórico sobre o que aconteceu no passado pois, como já foi dito mais acima, o ser humano pós-moderno desacredita na história passada, perdendo a referência ao mesmo. Examinam-a com os olhos do presente e a avaliam como tal. O passado não é mais visto como paradigma para se viver o presente e se construir um mundo melhor, para todos, no futuro. O catolicismo ainda sofre muitos ataques e repreensões devido o período da cristandade.

A industrialização e a urbanização também influenciaram o sentido religioso. Com a industrialização veio à urbanização caótica. Com a urbanização veio à migração desordenada do campo (local cultural da expressão religiosa) para as cidades. Com a nova ordem social o relacionamento com os representantes do sagrado fica enfraquecido. O senso crítico é fortalecido e a dimensão do sagrado e do transcendente é redimensionado. As concepções religiosas são fortemente combatidas pelas concepções científicas (exemplo: o mito da origem da vida). A religiosidade é criticada por grandes nomes, tais como Marx e Freud, e considerada uma “algema” do ser humano [18]. Esta visão da religião como prisão é uma forte crítica na modernidade já que estas eram vistas como impedimento ao desenvolvimento e ao progresso, fruto das evoluções científicas. As religiões ainda eram encaradas como que vivendo, no que mais tarde os historiadores chamaram, “Idade das Trevas”.

Já a pós-modernidade é marcada por tendências contrastantes e até contraditórias. O

sujeito é autônomo e livre para tomar suas próprias decisões e ter suas próprias escolhas, inclusive a religião. Temos então uma profunda desvalorização da influência desta no comportamento social e, como consequência, a moral perde sua referência ao transcendente para se tornar laica. No entanto, o fenômeno religioso persiste na sociedade, não mais como um horizonte absoluto, mas como uma opção pessoal que deve ser respeitada. O contexto torna-se indiferente a tal decisão [19]. Quando uma denominação religiosa tenta falar a sociedade sobre uma questão moral, é duramente criticada pela mesma. É comum se escutar a seguinte expressão popular: “Três coisas não se discutem: religião, política e futebol” ou, a frase de uma conhecida música popular: “cada um no seu quadrado”. Ambas expressam claramente uma das concepções da cultura pós-modernidade: o individualismo extremo.

A crise religiosa é inegável, mas ainda persiste a busca pelo transcendente e por princípios que conduzam a vida do ser humano. Vemos que a busca por uma religião na pós-modernidade está profundamente marcada pelo desejo de satisfação pessoal, de forma imediata, para a solução de problemas, e não para uma verdadeira experiência e adesão aos fundamentos religiosos [20]. É a necessidade de ser acolhido e aceito que leva o ser humano pós-moderno a buscar uma religião que atinja aos seus sentidos.

Assim, vemos que, na modernidade, tudo apontava para um mundo sem Deus e sem perspectiva de religiosidades, ou seja, tudo indicava que nos direcionaríamos para um total e inevitável ateísmo. Mas o que ocorreu foi justamente o inverso: uma volta ao transcendente. Há uma ânsia cada vez maior de experiências e de práticas religiosas. Uma busca incessante pelo sagrado, sem com isso ter que escutar autoridades ou teólogos. A busca por algo que lhe atinja o coração e que o faça sentir querido e amado.

## **A Mística no atual contexto da pós-modernidade**

### **1. O que compreendemos como Mística?**

Vemos ocorrer com grande frequência, a desvalorização e, até mesmo, a deterioração, de termos de ricos significados que tem por consequência a perda completa de seus reais sentidos levando-os a serem compreendidos de forma errônea e inadequadas. Foi o que também ocorreu com o termo mística. “Decaído de sua nobre significação original, acabou por designar uma espécie de fanatismo, com forte conteúdo passional e larga dose de irracionalidade” [21].

No início, esta era vista mas como um adjetivo que se referia a descrição e ao silêncio, não como um substantivo. Posteriormente aconteceu o inverso dessa ordem, o que contribuiu para a desvalorização de seu real sentido. Antes usava-se o termo “contemplação” para expressar o que hoje, com o passar dos tempos, denominamos como Mística.

Assim, quando ouvimos a palavra mística a ligamos logo a algo sobrenatural, distante e fora da realidade, o que gera até um certo medo de se falar da mesma. Por muitos estudiosos e críticos é vista sob certa suspeita e desprezo já que, segundo estes, a mística não leva em consideração o ser humano inserido na história. Em qualquer âmbito no qual ela esteja sendo utilizada ou analisada (seja religioso ou ateu), esta é sempre vista em uma perspectiva “dualista, mais precisamente em oposição entre o natural e o sobrenatural” [22].

Um dos motivos da desvalorização do real valor da mística aconteceu no século XVII. Neste período a mística oscilou de forma espantosa. Enquanto viveu o seu chamado “século de ouro”, foi também vista como algo que merecia desconfiança, o que a levou a ficar como algo à parte do cristianismo. “De fato, posta no âmbito do excepcional, do sobrenatural, a mística não podia senão ficar do lado de fora do terreno comum e normal da vida humana, restando-lhe um



lugar marginal precisamente por causa da sua extraordinariedade. Tudo isso se deve particularmente ao esforço feito pela Igreja da Contra-Reforma a fim de controlar toda a vida religiosa, filosófica e espiritual do mundo católico, e não é uma causalidade que naquele período tenham sido escritos também vários tratados volumosos de mística que hoje dão a impressão de algo tremendamente complexo, mas que procuravam ser uma resposta aquele objetivo. Que a tentativa tenha falido, demonstra-o o que lhe sucedeu, o Iluminismo, com tudo aquilo que se seguiu, razão pela qual só agora começa-se a descobrir que na realidade os primeiros onze séculos do cristianismo pensaram a mística de modo radicalmente diferente do que chegou até nós” [23].

Muitos, quando vêem ou ouvem falar sobre a mística e o silêncio automaticamente lança ao místico um olhar estereotipado onde este é uma pessoa completamente passiva, sem vontade ou desejos, alegrias ou tristezas, ou seja, deixa-a de ver como um ser humano como qualquer outro. Daí, devido a necessidade de separação dos demais, este vai viver em um lugar isolado e longe do mundo para estar em contato permanente com Deus, fora dos problemas que envolve a todos. Esta é uma visão errada e até mesmo preconceituosa, consequência da desvalorização da mística em seu decorrer histórico.

No entanto, “o silêncio é o que caracteriza a contemplação, e a torna precisamente 'Mística' pelo simples motivo de que a linguagem comum sofre para exprimir o essencial da experiência específica da mística, que é a experiência de unidade, aliás experiência do Uno” [24]. Portanto, o silêncio daquele que experiencia a mística nada tem a ver com uma personalidade passiva; é apenas um modo de experienciar e exprimir o verdadeiro sentido da mística que envolve, também, a contemplação. Mas isso não significa dizer que aquele que a vive se torna um ser alienado. Muito pelo contrário: quanto mais íntimo e próximo de Deus mais se vê a necessidade do meio e se insere na luta por melhorá-lo, sempre levando em consideração o valor e a dignidade da vida.

## 2. E o que ela realmente significa?

Em seu livro *Introdução à Mística*, Marco Vannini faz uma observação muito interessante tendo como referência Karl Rahner: “o cristianismo do futuro será místico, ou não será de forma alguma: assim Karl Rahner exprimia aquela que não é tanto uma previsão, mas uma afirmação de valores. Se, de um lado, de fato, o Iluminismo varreu para longe os elementos supersticiosos da religião, que permanecem somente no nível popular, freqüentemente confluindo em sincretismos de todo tipo, por outro lado, contribui para evidenciar o núcleo místico do cristianismo, a partir da mensagem essencial de Jesus: o reino de Deus está presente e se encontra dentro de vocês” [25]. Nesta afirmação de Rahner podemos começar a entender a mística dentro de seu real contexto.

Cristo, nosso modelo por excelência, se faz conhecer e nos mostra como entender a interação plena de todos os âmbitos de nossa vida através dos relatos das primeiras comunidades: em Paulo nós vemos a união com Cristo e a mudança de vida que este o impulsiona a fazer; em João vemos a profunda relação de Deus e Jesus e, de Jesus com os discípulos, não no nível da subordinação, mas no nível de profunda amizade. Portanto, podemos compreender do seguinte modo: quanto mais o Cristo envolve a vida daqueles com quem teve contato, mais a vida desses se transformava. Transformação essa que não envolvia apenas o aspecto religioso, mas também todos os demais como o político-social, o econômico etc. A igualdade, mais do que nunca é exigida e passa-se compreender melhor a importância da dignidade humana para Deus acima de exterioridades vãs. Enquanto não se acolher e não se auxiliar o próximo e se tornar uma pessoa que luta por melhorar o seu meio, como pode ela entender e experimentar o verdadeiro sentido da mística? Lembrando, sempre que, o fato de

aqui estarmos utilizando a Bíblia para falar sobre a mística não significa dizer que esta seja algo único e exclusivo do cristianismo. O respeito ao próximo também faz parte da vida do místico.

Assim, a o verdadeiro sentido da mística é identificado no modo como o místico a vive, de forma atual, inserida nos problemas que envolve a história, dentro de sua cultura. O místico, sempre preocupado em desestruturar os sistemas que geram a desigualdade e a pobreza de acordo com os seus limites, como um ser humano semelhante aos outros, e não como alguém idealizado, “endeusado” ou, até mesmo, alienado de sua situação, dentro do contexto no qual esteja inserido, luta para a transformação do mesmo em um contexto de igualdade e fraternidade.

### **3. A Mística inserida no contexto histórico do ser humano**

Uma das freqüentes acusações que se fazia à Mística era a de que esta, fechava o homem em uma dimensão totalmente interiorizada, o que acabava por separá-lo da vida real, esquecendo-se do seu entorno. Em determinados casos e momentos históricos, isso se mostra como verdade. Contudo, este não é o verdadeiro sentido do ser místico “pois, a riqueza e a profundidade interior devem desembocar sempre, naturalmente, na ação. Esta pode assumir diferentes aspectos, dependendo das circunstâncias: pode ter um caráter marcadamente religioso, caritativo, mas pode também se concretizar no social e no político, de qualquer modo sendo totalmente o contrário da fuga da realidade” [26]. Há muitas figuras de místicos onde podemos constatar tais afirmações, porém, estes são poucos explorados e, muitas vezes, desvalorizados, para mostrar uma imagem irreal e idealizada dos mesmos.

Tal experiência acontece dentro da história de vida do próprio ser humano e desta brota o seu encontro com o Outro Absoluto. Experiência esta que “anula” a distancia entre estes. Então, a afirmação de que o místico não encontra-se inserido em seu contexto (social, político, econômico, religioso, etc) torna-se inconsistente. Já que essa transformação envolve o ser completo daquele que a vive, modificando totalmente o seu conhecer e querer, dentro da realidade em que vive, para que este atue em vista a ultrapassar a relatividade dos fatos e objetos que o cercam, visando seus dados antropológicos, para ter a real compreensão dos mesmos.

A partir disso pode-se “excluir do terreno da experiência mística toda uma série de fenômenos extraordinários e anormais, espontâneos ou induzidos, que podem acompanhar os estados místicos, porém são deles não apenas distintos, mas separáveis, e que, em geral, são objeto de severo controle e crítica por parte dos próprios místicos autênticos” [27].

A singular experiência mística será a base para se apontar suas reais características, sempre lembrando que esta possui uma ampla variedade de termos já que as muitas experiências são vividas na diversidade de contextos, mas que girariam em torno de dois pólos: subjetivo e objetivo. Esta poderia então “ser figurada pelo triângulo 'místico-mística-mistério'. A experiência mística, em seu teor original, situa-se justamente no interior desse triângulo: na intencionalidade experiencial que une o místico como iniciado ao Absoluto como mistério; e na linguagem com que, num segundo momento, rememorativo e reflexivo, a experiência é dita como mística e se oferece como objeto a explicações teóricas denatureza diferente” [28].

A antropologia que envolve a mística ainda seria pouco compreendida pois “é a própria originalidade da experiência mística que nos obriga a colocar o problema de uma concepção antropológica adequada capaz de interpretá-la corretamente” [29]. Isso é visto durante o seu processo histórico literário no qual vemos que seu real valor foi reduzido a mero enunciado ou a sensações sobrenaturais. Não há como separar antropologia de mística.

Assim, podemos afirmar que a mística está fundamentada no dado antropológico que

envolve os seres humanos, os abre para o acolhimento da abertura ao transcendente e, conseqüentemente vai rege-los em todos os seus aspectos relacionais, fazendo-os participantes ativos no contexto em que vivem, pois “o lugar antropológico da experiência mística se dá exatamente no espaço intencional onde se dá a passagem dialética das categorias das *estruturas* para as categorias de *relação*, ou do sujeito no seu *ser-em-si* ao sujeito no seu *ser-para-o-outro*” [30].

#### 4. Sentimentalismo ou profunda união com Deus e com o próximo

A mística, sendo algo que tem por base a experiência impulsionada pelo espírito, tornou-se hoje praticamente incompreensível, “nafragada que está no mar do psicologismo que a todos controla, sendo simplesmente atribuída a uma filosofia idealista que é ela própria, na realidade, um objeto substancialmente misterioso. Do ponto de vista histórico, de fato, a incompreensão e a condenação da mística ocorridas no final do século XVII, com o seu efetivo desaparecimento da trama viva da cultura, corresponde plenamente à incompreensão e à condenação de seu significado e de suas referências” [31].

Torna-se importante enfatizar, cada dia mais, “que a mística, entendida como experiência do espírito, nada tem a ver com o sentimento, que pode mais exatamente ser definido como aquilo que não deixa o espírito ser. A prova mais cabal disso está no fato de que o místico é o especulativo, ou seja, o dialético, aquele que possui a capacidade de colher a unidade dos contrários e sentir-se em casa, no meio deles, enquanto o sentimental, como tudo que é ideológico e psicológico, é determinado em sua finitude e incapaz de unidade. E, por essa razão, o seu ser e o seu mover-se são sempre desenraizadores, o pensamento do mal que o constitui operando incessantemente em conformidade com a própria essência – sendo feito de dor e de mal, é justamente isso o que produz” [32].

Assim, “não se trata aqui de sensações: o espírito é, acima de tudo, conhecimento, e o Uno por ele constituído é uma igualdade que está sempre em movimento, fruto do conhecimento. O movimento é dado, com efeito, pelo ato da inteligência, que de forma iluminada tudo reconduz à sua realidade própria, ou seja, à finitude” [33]. Por isso, se faz necessário compreendermos o real valor do que significa ser místico. É muito mais do que alguém que só fala de Deus; é alguém que, sem precisar de muitas palavras, transparece Deus em sua vida, através de seus gestos e ações, dentro de sua realidade. Vai muito além do que apenas um sentimentalismo infantil; é um deixar-se envolver por completo em prol da vontade de Deus, que nada mais é do que nos realizarmos em seu Amor, uma Amor que envolve o ser humano como um todo, dentro de suas relações, por isso deve ser entendido num sentido muito mais amplo do que aquele que atualmente conhecemos.

Assim, a chamada “mística do sentimento” nada mais é do que uma nova desvalorização do que realmente significa mística, sendo por muitas vezes tida em descrédito por envolver os chamados sentimentos humanos, caracterizados como flexíveis e relativos, pois estão em contínua mudança. Lembrando que, se os verdadeiros místicos fossem movidos única e exclusivamente pelos seus sentimentos, não estariam preparados para deixar o espírito de Deus agir em si pois estariam presos apenas a seus interesses.

Quando se está sob o domínio da mística do sentimento, o sensível não é negado, mas, pelo contrário, é de tal modo reforçado que se acaba por buscar “aquelas satisfações que no sensível nega para si mesmo” [34]. Portanto, “todo esse seu amor e desejo de sofrimento por amor está, de fato, a serviço de seu ardente desejo de gozo, ou seja, a serviço do seu próprio egoísmo” [35]. Já o verdadeiro místico perde “o amor à própria alma, ao próprio eu, pois, emerge deste o espírito e a contínua e tranqüila união com Deus no espírito” [36]. Desta verdadeira experiência nasce a determinação e a vontade de levar tal encontro a outros, através

daquilo que se está vivendo: nas lutas marcadas pelo cotidiano, pela vontade e o desejo que brotam do espírito na batalha “por uma terra sem males”.

Portanto, para muitas pessoas o ser místico é aquele que só faz uma oração e, nesta, entra em contato com o Cristo para o “sair deste mundo” (e esquecem que também fazem parte deste). Esta visão está muito enraizada dentro de nossas Igrejas devido as figuras dos santos que nos mostram pessoas distantes de nossa realidade, como pessoas que não tinham dificuldades, tristezas e alegrias (visão esta poderíamos dizer “divinizada”). Esquecem-se que a verdadeira experiência integra todo o ser humano e o meio em que vive. Perdem-se em mitos e estórias e esquecem de olhar a vida dos santos, como um todo.

O verdadeiro místico é aquele que, em seu tempo, realiza uma experiência profunda com o Cristo e a vive em sua realidade, e que, a partir desta, é impulsionado a mudar o quadro de injustiça no qual esteja inserido.

O assumir a vida de Cristo modifica todos os setores da vida do ser humano de forma marcante e isto implica uma mudança de vida tanto no aspecto interior quanto no exterior e social.

## **Simone Weil, um exemplo de Mística atual**

### **1. Simone em seu contexto histórico**

Em 3 de fevereiro de 1909, no seio de uma rica família judia, nasceu Simone Weil. Seu pai era médico e sua mãe dona de casa. Seu irmão mais velho, André, destacou-se na área intelectual. Simone o admirava, mas pensava que não teria a mesma desenvoltura intelectual que o irmão e, aos 13 anos, ao passar por uma profunda crise, teria pensado em morrer.

“No entanto, já nessa ocasião, Simone recebe a primeira revelação transcendental de sua vida, ao encontrar no fundo de seu próprio desespero uma convicção consistente que lhe permitiu superá-lo. Teve repentinamente a certeza de que aquele que se empenha com todas as forças para obter o que deseja em termos espirituais o consegue” [37]. Simone se destacava através de seus sentimentos de compaixão e de solidariedade com o sofrimento do próximo.

Aos 15 anos foi aceita no Liceu Henri IV e escolhe a área de filosofia para estudo. Começa os estudos em outubro de 1925. “Sua atividade intelectual não impedia que se comprometesse politicamente. E datam já da época do Liceu Henri IV sua aproximação com sindicatos, partidos políticos e outros grupos revolucionários, dos quais começou a participar. As questões da justiça social, da liberdade democrática, da revolução, eram parte de seu cotidiano, ao mesmo tempo que o estudo dos grandes filósofos propostos pelo mestre Alain” [38]. Suas preocupações sociais tinham grande destaque em seus estudos e escritos.

Durante o verão de 1929 trabalhou com camponeses no plantio de batatas. Conversava com as pessoas e tornou-se amiga das famílias locais. No pensamento de Simone há uma valorização do trabalho. É o trabalhador, segundo ela, que possui a sabedoria e portanto, este seria o protagonista do resgate e da libertação do ser humano no mundo.

“Em 1931, ano em que aconteceu em Paris a Exposição Colonial, lendo um artigo de jornal sobre a ocupação francesa da Indochina e a condição de vida dos anamitas, sentiu e compreendeu pela primeira vez a tragédia da colonização” [39].

Foi nomeada professora para o Liceu de Le Puy, antes porém, passou suas férias em Reville, à beira-mar. Aí trabalhou com os pescadores locais, aproximando-se dos mesmos e de suas famílias. Quando não podiam ir trabalhar devido as condições climáticas Simone lhes dava aulas. Simone tem total desapego a bens materiais ou confortos e vive despojadamente. Começa

a se aliar a sindicatos, trabalhando ativamente nos mesmos, recebendo duras críticas e repressões. Com a ajuda de seus alunos consegue permanecer em Le Puy.

Pede transferência para ampliar seus horizontes e em agosto de 1932 parte para a Alemanha. Ao chegar neste país identifica-se com o operariado alemão tornando-se partidária de muitos ideais do mesmo. Volta à Paris, para uma pequena cidade chamada Auxerre. Auxiliava e dava abrigo, na casa de seus pais, a fugitivos do nazifascismo.

Em 1934, Simone se afasta um pouco da prática político-partidária devido a um abscesso na garganta que comprometeu sua saúde. Neste mesmo ano pede licença ao ministério e vai realizar seu grande sonho. Vai trabalhar em uma fábrica graças ao conhecimento de um amigo que, preocupado com sua saúde, acreditava que, na fábrica de um conhecido, ela poderia ser resguardada.

Para Simone, as teorias não responderam as problemáticas mundiais e talvez, na prática, achasse tais respostas. Contudo, com o passar dos dias na fábrica, ela vai percebendo que “a sociedade moderna se edifica sobre trabalhos para os quais o ser humano deve obrigar-se a não pensar” [40]. “A seu amigo sindicalista Thévenon, ela deixa transparecer, numa carta escrita semana depois de iniciado o trabalho na fábrica, suas verdadeiras motivações para estar ali: perceber como se pode realizar a libertação dos trabalhadores a partir do seu próprio lugar de trabalho, antes de tudo. Por isso, ela deseja estar nesse lugar, para poder ajudar os trabalhadores a alcançarem uma vida mais humana. É por isso que Simone se impõe regras de austeridade quase excessivas, chegando a alimentar-se menos que os próprios operários” [41].

Após alguns meses é demitida devido a sua frágil saúde. Desempregada, entra em contato com outros na mesma situação e começa a sentir-se um deles, alguém igual aos outros. Arruma emprego em uma nova fábrica e fica impressionada como os empregados são tratados e como estes se submetem. Um mês depois é demitida. Fica um longo período desempregada e passa fome. Começa a trabalhar na fábrica Renault.

Ao sair da fábrica, junto com seus pais, Simone vai para Espanha e depois Portugal, para melhorar sua saúde. E foi em Portugal que teve sua primeira experiência cristã. “A experiência da violência e das humilhações sofridas na fábrica a obcecavam. Por isso, Simone queria continuar estudando a condição dos trabalhadores e a vida nas fábricas e pensava mesmo em voltar a trabalhar como operária” [42].

Vendo o perigo eminente da guerra, Simone, depois de muita luta e insitência, consegue ir para o front. Porém, sofre um acidente e, piorando gravemente sua saúde, é resgatada por seus pais. Em Assis tem sua segunda experiência cristã.

Na Páscoa de 1938, Simone tem o seu terceiro e decisivo encontro com o cristianismo durante uma cerimônia da Paixão de Cristo, na abadia beneditina de Solesmes. Durante seus pensamentos, terá sua primeira experiência, consciente, de mística cristã. Se sentirá tomada pelo Cristo e, profundamente querida e amada por um profundo e doce amor.

Após a prisão do seu irmão deseja ardentemente tomar o seu lugar e assim, sem que os seus familiares e amigos percebessem, Simone mudava de forma marcante sua estrutura interior. Passou a se interessar mais por religião e pela doutrina da graça. Apesar de seu interesse pelo cristianismo ser notado não sabiam que ela já era cristã.

Viu-se obrigada a sair da França em 13 de Junho de 1940 por ser de família judia. No dia seguinte, os alemães invadiram Paris. Os Weil se refugiaram em Marselha. Simone resolve trabalhar no campo. Neste período é apresentada, por uma amiga, ao Padre Perrin que veio a tornar-se seu amigo e interlocutor espiritual. Muito o interroga sobre a salvação para os que não estavam oficialmente dentro da Igreja.

Em 1942 a família Weil vai para os Estados Unidos. Porém, em seu coração, Simone tinha o desejo de voltar para a França e partilhar com os seus compatriotas os horrores da guerra. Depois de muita insistência consegue embarcar para a Inglaterra em 10 de novembro de 1942. Em Londres trabalhava como redatora em um pequeno escritório, mas continuava a lutar

para voltar para à França.

“No dia 15 de abril de 1943, foi encontrada desacordada no chão de sua casa; levada ao hospital de Middlesex, melhorou, porém, como se alimentava pouco, sua cura regrediu. Simone dizia que não podia saciar sua fome sabendo que seu povo sofria” [43].

Foi transferida para um sanatório mas veio a falecer no dia 24 de agosto de 1943. “Foi enterrada no dia 30 de agosto no New Cemetery de Ashford, na seção reservada aos católicos. O padre chamado para officiar a cerimônia perdeu o trem e não chegou a tempo. Maurice Schumann, ajoelhado, leu a Oração dos Mortos na despedida de sua amiga” [44].

## 2. Um dos seus escritos

No livro “Espera de Deus” nos são apresentadas algumas de suas cartas e ensaios, sendo a grande maioria destas endereçadas ao Pe. Perrin, seu grande amigo e orientador espiritual.

Vemos nestas suas aflições e angústias, seu intenso desejo de solidarizar-se com o sofrimento do próximo e, mesmo neste, sentir a presença viva de Deus em nós: “*é necessário sentir a realidade e a presença de Deus em todas as coisas, sem exceção, tão claramente como a mão sente a consistência do papel através do lápis e da pena*” [45].

A IV carta de Simone é denominada, por ela mesma, de “Autobiografia Espiritual” onde ela relata as experiências de sua vida e de seu contato com o cristianismo expressa no seguinte trecho: “*Cristo mesmo descendeu e tomou-me*” [46] e vai relatar este íntimo contato com o Cristo: “*somente senti, através do sofrimento, a presença de um amor análogo àquele que se lê no sorriso de um rosto amado*” [47].

Sendo uma mulher atenta a problemática do seu tempo percebeu como o racionalismo, característico do século XX, e o cientificismo, tornam o ser humano descrente, causando uma crise na sociedade: “*Jamais, em toda a história atualmente conhecida, houve época em que as almas tenham estado de tal maneira em perigo, como hoje em dia, em todo o globo terrestre*” [48].

Ela nos relata uma experiência muito forte da misericórdia de Deus: “*Não tenho necessidade de nenhuma esperança, de nenhuma promessa para crer que Deus é rico em misericórdia. Conheço esta riqueza com a segurança da experiência – toquei-a*” [49].

Da sua experiência do trabalho nas fábricas tem a certeza de que precisa assumir para si o sofrimento do seu próximo, não por modismo, mas por um intenso amor, um intenso desejo de solidarizar-se com o mesmo, um entregar-se totalmente sem esperar nada em troca. E, num trecho de suas cartas, ela nos mostra quem é o nosso próximo: “*É verdade que é mister amar o próximo, porém, no exemplo dado por Cristo como ilustração de seu mandamento, o próximo é um ser desnudo e ensanguentado, desmaiado no caminho, e do qual não se sabe nada. Trata-se de um amor completamente anônimo, e por isso mesmo completamente universal*” [50].

Trata-se de uma mulher que vive intensamente o Evangelho assumindo para si a vida de Cristo, lutando pela igualdade social e indo ao encontro dos excluídos e marginalizados.

## 3. Simone e a atualidade

Simone é para nós, hoje, um exemplo de que mística e luta por justiça social não são coisas contraditórias. Vemos nela uma mulher de fibra, que luta pela igualdade social, que se solidariza com o sofrimento do próximo, e que experimenta Cristo de forma amorosa e plena. Que apesar das várias dificuldades pelas quais passou (tais como doenças, humilhações, tristezas, frustrações, angústia, dor, sofrimento) não se deixou desanimar e continuar a lutar, mesmo quando tudo parecia perdido.

A exemplo desta grande mulher possamos entender que a verdadeira espiritualidade é vivida de forma plena e universal em toda a nossa vida, tanto na oração quanto na ação e que ***todos nós somos chamados por Deus a fazer esta experiência***. Somos impulsionados pelo espírito a respondermos este chamado, assumindo como nossa a vida de Cristo.

## Conclusões

Esta pesquisa nos mostra que apesar das diversas transformações pelas quais passou (e ainda passa), o ser humano sempre tende a buscar o sagrado, pois necessita de uma apoio para continuar a sua luta diária em meio aos diversos sofrimentos que o aflinge.

Vemos também que a figura do místico é totalmente idealizada e não vista no seu verdadeiro aspecto: como um ser humano que, inserido em seu contexto e em total comunhão com Cristo, assume a vida deste como sua. Isso se reflete em sua própria experiência de vida, dentro de suas relações, dentro da história da qual faz parte. Logo, alguém que vive e atua, também, dentro do contexto da pós-modernidade.

Como um grande exemplo disto temos a figura marcante de Simone Weil que, em pleno século XX, nos mostra que mística e justiça social não devem ser consideradas como opostos mas como aspectos que integram todo ser humano. Basta que este esteja disposto a vivê-las.

## Referências Bibliográficas

- 1 - CASTIÑEIRA, Angel. **A experiência de Deus na pós-modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- 2 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 11-12.
- 3 - CASTIÑEIRA, Angel. **A experiência de Deus na pós-modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 26.
- 4 - CASTIÑEIRA, Angel. **A experiência de Deus na pós-modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 26.
- 5 - CASTIÑEIRA, Angel. **A experiência de Deus na pós-modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- 6 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 11-12.
- 7 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 13-14.
- 8 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 15.
- 9 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma,

2003, p. 25.

10 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 25.

11 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 27.

12 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 31-32.

13 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p.32

14 - Este tema do Deus babá, assim como as perspectivas antropológicas da teologia pode ser vista no livro: RÚBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs.** São Paulo: Paulus, 2001.

15 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 33-34.

16 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 43.

17 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 44.

18 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 44-45.

19 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 46-48.

20 - CARRARA, Sérgio Paulo. **A experiência cristã de Deus como resposta ao mal-estar religioso da pós-modernidade com especial referência à doutrina da oração de Santa Tereza de Ávila.** Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontificia Facoltà Teológica, Roma, 2003, p. 48-49.

21 - VAZ, Henrique C. de Lima. **Experiência mística cristã e filosofia na tradição ocidental.** São Paulo: Loyola, 2000, p.9.

22 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística.** São Paulo: Loyola, 2005, p.11.

23 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística.** São Paulo: Loyola, 2005, p.11-12.

24 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística.** São Paulo: Loyola, 2005, p.12-13.

25 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística.** São Paulo: Loyola, 2005, p.23.



- 26 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística**. São Paulo: Loyola, 2005, p.19-20.
- 27 - VAZ, Henrique C. de Lima. **Experiência mística cristã e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 16-17.
- 28 - VAZ, Henrique C. de Lima. **Experiência mística cristã e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 17.
- 29 - VAZ, Henrique C. de Lima. **Experiência mística cristã e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 17.
- 30 - VAZ, Henrique C. de Lima. **Experiência mística cristã e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 23.
- 31 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística**. São Paulo: Loyola, 2005, p.7-8.
- 32 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística**. São Paulo: Loyola, 2005, p.8-9.
- 33 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística**. São Paulo: Loyola, 2005, p.9-10.
- 34 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística**. São Paulo: Loyola, 2005., p.26.
- 35 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística**. São Paulo: Loyola, 2005., p.26.
- 36 - VANNINI, Marco. **Introdução à Mística**. São Paulo: Loyola, 2005., p.27.
- 37 - BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil: a força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p.15.
- 38 - BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil: a força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p.19.
- 39 - BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil: a força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p.24.
- 40 - BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil: a força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p.37.
- 41 - BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil: a força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p.89.
- 42 - BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil: a força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p.47.
- 43 - BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil: a força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007., p.70.
- 44 - BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil: a força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p.71.
- 45 - WEIL, Simone. **Espera de Deus**. São Paulo: ECE, 1987, p.18.
- 46 - WEIL, Simone. **Espera de Deus**. São Paulo: ECE, 1987, p.47.
- 47 - WEIL, Simone. **Espera de Deus**. São Paulo: ECE, 1987, p.48.
- 48 - WEIL, Simone. **Espera de Deus**. São Paulo: ECE, 1987, p.55.
- 49 - WEIL, Simone. **Espera de Deus**. São Paulo: ECE, 1987, p.69.
- 50 - WEIL, Simone. **Espera de Deus**. São Paulo: ECE, 1987, p.81.